

Ser Ribeira: *Connectare* artes, ecologia e educação

Mariana Valente, Leonor Serpa Branco, Ana Teresa de Sousa e Maria Ilhéu

A educação formal poucas vezes estimula a vivência de experiências diretas e continuadas com o mundo natural que conduzam a processos de aproximação a outros seres, para além dos humanos, alimentando o amor à Terra. Todas as áreas disciplinares devem dar o seu contributo nestes processos, educando para um mundo mais equitativo e em que a excecionalidade humana seja desmoronada. O sentido da urgência de uma prática de atenção afeiçoada ao mundo juntou investigadoras em Ecologia e Educação, professoras de Artes Visuais/artistas, uma escultora e estudantes de diferentes níveis etários no projeto Ser Ribeira. Fomos Ribeira com a ribeira da Torregela, um afluente urbano do rio Sado localizada na zona Oeste de Évora. Aprendemos com ela a “fazer comunidade”, como um dos alunos o expressou. Aprendemos com ela a fazer mundo, como diria a filósofa Donna Haraway. Convocámos a observação rigorosa, a imaginação sensorial exata, o ver vendo com todos os sentidos, e a capacidade de ser um com a ribeira, incorporando e partilhando modos de ser outro. Esta convocação foi inspirada nos passos de um método de conhecimento fenomenológico, o empirismo delicado, desenvolvido por J. W. Goethe (1749-1832), reativado contemporaneamente por alguns paisagistas e filósofos, e incorporado por nós em contextos educativos. Na educação artística encontramos meios propícios ao desenvolvimento destas capacidades e experiências sensíveis, que facilitam a aproximação aos outros, humanos e “outros que não humanos”. Esta aproximação alimenta, por sua vez, a motivação para o desenvolvimento das expressões artísticas. Com o desenho podemos, por exemplo, conduzir os estudantes na demora da atenção a lugares, a outros seres. Este tempo de estar e de devir com outros é conduzido no sentido de potenciar o desejo de diferentes modos de expressão. E foi o que aconteceu neste processo de devir com a ribeira da Torregela. O desenho, a pintura, a escultura, as colagens, a recolha áudio para a elaboração de paisagens sonoras e a pesquisa desenvolvidos pelos estudantes, orientados por um coletivo interdisciplinar e pela ribeira, culminaram em experiências de atenção afeiçoada e em produções eco-artísticas. O projeto desenvolveu-se ao longo de dois anos e podemos afirmar que foi transformador para os participantes. Esta afirmação resulta da investigação que desenvolvemos tendo como corpus os escritos dos estudantes, elaborados ao longo do processo. Culminou com a exposição, Ser Ribeira, que esteve patente ao público entre julho e novembro de 2023, no Centro de Artes e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida em Évora. Na narrativa que construímos e que aqui apresentamos, entrelaçamos conceitos e gestos do corpo, entrelaçamos métodos e hábitos do espírito, testemunhando o sentido da importância das diversas experiências vividas com a ribeira; experiências que transbordaram para a sala de aula e para casa. As práticas artísticas inspiradas pelo Empirismo Delicado e o conhecimento ecológico desenvolvidos, numa forte relação interdisciplinar, estimularam aprendizagens transformadoras e mundividências eticamente mais comprometidas.

FOGO DELUXE: Laboratório, criação e ensino artístico

Marta Cordeiro

É fundamental a reflexão em torno do que pode ser o ensino artístico – como prática eminentemente laboratorial que resulta na criação de objetos – naquilo que respeita às modalidades e práticas de ensino e, igualmente, no que se refere à contextualização dessas práticas, sendo a contemporaneidade marcada pelo papel da teoria como questionamento sobre o que é e pode ser a arte (Groys, 2018). A comunicação aborda metodologias de criação assentes na ideia de projeto, a partir da experiência do Projeto Fogo, um projeto de criação coletiva realizado por alunos do 1º e 2º ciclo de Design de Cena da Escola Superior de Teatro e Cinema que, em 2025, comemora 10 anos. As metodologias pedagógicas empregues têm sido um embrião para desenvolvimentos e alterações curriculares que procuram abordar um ensino artístico centrado nos alunos e na abertura às várias disciplinas. Pretende, igualmente, gerar processos e objetos que assumam a simultaneidade entre o pensar e o fazer. O Projeto Fogo assenta na convicção de que o ensino artístico é um ensino experimental, que depende da relação e interligação entre conceptualização, investigação e construção; e encontra a sua metodologia no regime laboratorial. Este projeto parte de um tema abrangente e integra alunos que, trabalhando em pequenos grupos, com o apoio do conjunto de professores de Design de Cena, criam objetos e/ou intervenções destinadas à exposição pública, podendo socorrer-se de qualquer linguagem e tecnologia. Os alunos concretizam, na prática, aquilo que tem sido estudado em termos teóricos e que, pelo menos desde o início do século XX, foi questionado no âmbito da prática artística – a hibridação das disciplinas e a passagem da afirmação sobre a disciplina ou médium para o domínio alargado da arte (De Duve, 2013). Apesar de concretizada e teorizada, esta possibilidade tem-se mantido mais ou menos afastada do pensamento dos currículos do ensino artístico em Portugal. Pensa-se o uso da metodologia projetual no ensino, podendo a seleção de unidades curriculares depender da direção dos projetos dos alunos. Aborda-se a potencial revisão dos currículos, trabalhando a possibilidade de o ensino se deslocar da atenção a uma dada disciplina para passar a focar-se na ideia do projeto artístico, aqui entendida no cruzamento entre as artes performativas e as artes visuais, sem abdicar de outras possibilidades. Esta comunicação inscreve-se no âmbito das investigações realizadas pelo grupo de docentes do ramo de Design de Cena da ESTC e do projecto de investigação FOGO DELUXE, submetido ao IDI&CA – IPL.

Referências

De Duve, T. (2013). O ready-made e o tubo de tinta. Eutonomia. *Revista de Literatura e Linguística*, 1(11), 72-128.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/243/205>.

Groys, B. (2018). *Under the gaze of theory: In the flow*. Verso Books.

Conversas de Corpo: Para um chão-comum entre arte e educação

Ricardo Guerreiro Campos

No seu poema "As Cem Linguagens da Criança", Loris Malaguzzi reforça as potencialidades expressivas e comunicativas da criança como um todo, valorizando as inúmeras possibilidades de investigação e criação a partir daquilo que o seu corpo é capaz de sentir e experienciar. Neste sentido, as diferentes linguagens artísticas, que integram a exploração das possibilidades expressivas do corpo, do som, da voz, do gesto, do espaço, da imagem, são meios de desenvolvimento da criatividade e da empatia, dos sentidos estéticos e críticos, fundamentais para um desenvolvimento integral da criança. É nesta lógica de pensamento sobre a criação e investigação com as infâncias que em 2022 se iniciou a implementação do Laboratório Artístico com as crianças da Creche e Jardim de Infância da Escola Tom da Terra, em Sesimbra. Um projeto de continuidade, em que um artista-educador, semanalmente, alimenta um espaço-tempo de encontro com pessoas entre 1 e os 6 anos. A maturidade que um processo contínuo permite alcançar, evidencia um conjunto de práticas e experimentações que acreditamos poder constituir um Manifesto de Arte e Educação na Primeira Infância, e que irão emergir, qual mergulho por tantas e diversas águas, na presente comunicação.

A propósito da Lei Especial para o Ensino Superior Artístico prevista no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior

Carlos Marecos, João Fernandes, Marta Cordeiro e Paulo Morais-Alexandre

O Decreto-Lei n.º 310/83 de 1 de julho proporcionou a criação das escolas superiores de música, dança e teatro e cinema e teve como objetivo a estruturação do ensino das várias artes e visou ultrapassar a preocupação de definir um estatuto especial para o ensino das artes. Foram atribuídos a essas escolas os seguintes objetivos «(...) preparar os artistas necessários às diferentes atividades (...)» contribuindo também para o alargamento do «(...) leque de habilitações e saídas profissionais(...)». Definiu-se assim que todas as escolas superiores artísticas inseridas no ensino politécnico visavam «a formação de profissionais naquelas áreas [música, dança, teatro e cinema] ao mais alto nível técnico e artístico.» Incumbiu ainda a estas escolas (particularmente às de música e dança) «(...) a formação dos professores do ensino vocacional das artes (...)» (p. 2387-2388). Paralelamente, de acordo com o n.º 3 do Artigo 1.º, da “Lei nº 62/2007, de 10 de setembro”, Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), «São objecto de lei especial, a aprovar no quadro dos princípios fundamentais da presente lei, o ensino artístico [...]». (p. 6358) Ora esta lei jamais foi cumprida e a “lei especial” para o ensino artístico jamais foi promulgada. Em tempo de revisão do importa produzir, pela mão de um grupo de professores, uma reflexão sobre esta matéria fornecendo subsídios para uma revisão do RJIES que abranja efetivamente o ensino superior artístico. Sendo o ensino artístico dependente da sobreposição do «desenvolvimento das capacidades de conceção, de inovação e de análise crítica» e da «investigação aplicada», reflete-se sobre a necessidade do ensino artístico se reger por normas regulamentares específicas abrindo até a possibilidade de colaboração entre os dois subsistemas do Ensino Superior Português como referido no Relatório Hassan.

Referências

Decreto-Lei n.º 310/83 de 1 de julho. In *Diário da República* n.º 149/1983, Série I de 1983-07-01.

Lei nº 62/2007, de 10 de setembro. In *Diário da República* n.º 174/2007, Série I de 2007-09-10.

HASAN, A. (et al.) (2009). *Reforming Arts and Culture. Higher Education*. Portugal. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

MENDES, C. (2018). Algumas Acheugas para a Agitação!... In M. Cordeiro, C. Mendes & J. Espada (Orgs.), *Girela, Reflexões sobre Criação Artística, Formação e Legislação*. Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema.

EréPomteca e Escritas de Si: Ensino de artes e formação docente

Ana Valéria de Figueiredo e Valéria Leite de Aquino

O trabalho apresenta os resultados iniciais de projetos de formação de professores em Artes Visuais do Prodocência – Programa de Incentivo à Docência UERJ (Brasil). Ambas as propostas vêm sendo realizadas desde junho/22 com crianças de 10 a 12 anos (em média) em uma escola de Educação Básica da rede pública municipal de uma cidade da Baixada Fluminense, região geopolítica do Estado do Rio de Janeiro. O projeto *Prodocência EréPomteca: a arte e o brincar para a re-educação das relações étnico-raciais* tem como objetivos centrais favorecer o contato do licenciando em Artes Visuais com a prática no chão da escola da Educação Básica para sua formação docente, elaborar e desenvolver metodologias e práticas inovadoras relacionadas à docência no/para o Ensino de Artes em suas interfaces com o lúdico. O projeto *Escritas de Si - Narrativas Autobiográficas como Estratégia de Formação Reflexiva* tem como objetivo principal valorizar as experiências vividas em uma perspectiva reflexiva, com destaque para o papel e lugar da experiência no contexto da formação, tanto acadêmica quanto humana, na busca de estimular a reflexividade biográfica e a consciência histórica através de discussões temáticas e do compartilhamento de experiências vividas numa perspectiva socioantropológica. As ações e práticas didático-pedagógicas se relacionam à formação docente e fomentam o desenvolvimento de propostas diretamente com os estudantes na unidade escolar, oportunizando aos licenciandos as vivências nos/dos cotidianos escolares em suas nuances e peculiaridades, além das possibilidades de articular aspectos das pesquisas que já vêm sendo desenvolvidas e/ou pode mesmo suscitar temas para investigação. As escritas produzidas pelas crianças – *imagemtexto* - vêm ao encontro das leituras de mundo que se imbricam numa ecologia imagética que dialoga com suas vivências de ser-estar no mundo e com as vivências dos estudantes em formação, criando microssistemas particulares e de riqueza ímpar. Os projetos tomam centralidade na formação docente em Artes, pois que o Ensino de Artes ocupa lugar de destaque no âmbito escolar tendo em vista que instiga ao posicionamento crítico e ativo em concomitância com o desenvolvimento de metodologias inovadoras no espaço escolar, almejando a transformação das experiências vividas em conhecimento da experiência. Entendemos a escola como uma das possibilidades de desenvolvimento de reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem nos espaços formativos existentes, onde se busca, ao mesmo tempo, estimular o pensamento sobre possíveis formas de pensar-fazer pesquisa na interface universidade-escola.

Experiências artísticas como desenvolvimento profissional de professores: narrativas de resistência na escola e cuidado em educação artística

André Freitas

O estudo sobre o desenvolvimento profissional dos professores dos primeiros anos de educação (em Portugal, 1.º Ciclo do Ensino Básico e no Brasil, Ensino Fundamental Nível I) implica o reconhecimento das dimensões artísticas e culturais como dimensões constitutivas do desempenho das suas funções pedagógicas. Os processos de vivência e de reflexão dos professores, de características multidimensionais e específicas do desenvolvimento profissional, são distintos. A partir da metodologia narrativa e biográfica, desenvolveu-se um projeto de investigação com professores sobre a configuração das suas experiências artísticas na escola, entendidas enquanto conhecimento pessoal experiencial com impacto nos seus desenvolvimentos profissionais. Para este trabalho mobilizam-se as narrativas biográficas de Rosa do Mar e de Elisabete, professoras em escolas em Portugal e a narrativa biográfica de Kleber, professor numa escola no Brasil. Procedimentos éticos foram considerados e salvaguardados. Os resultados das entrevistas individuais e das partilhas contínuas, desde 2018 até 2022, evidenciam a importância da experiência artística no desenvolvimento profissional e na promoção de uma cultura escolar dinâmica. Para Rosa do Mar, Kleber e Elisabete, urge que se conceptualize e se viva a cultura escolar com a experiência artística a partir da ideia de flexibilidade, baseada na resistência a ideais hegemônicos - focando-se na urgência do 'care'. Deste investimento, organiza-se uma proposta de contrato para a vivência da experiência artística na escola. As suas características implicam (i) colaboração, (ii) prática artística e (iii) líderes escolares e decisores políticos. A narrativa biográfica de Rosa do Mar contribui para a reflexão sobre a (falta de) colaboração de colegas nas experiências vividas com a arte na escola. A narrativa biográfica de Kleber permite refletir sobre a (força da) prática artística como uma característica fundamental do desenvolvimento profissional dos professores. A narrativa biográfica de Elisabete destaca a reflexão sobre (inércia de) líderes escolares e decisores políticos com a experiência artística na escola, perspectivada como um conhecimento experiencial. Este trabalho advoga por uma reflexão crítica, pretendendo ser um contributo para uma compreensão do conhecimento experiencial pessoal dos professores, aliado à experiência artística na escola.

A Pesquisa de Si enquanto caminho para a formação docente em arte

Ronaldo Oliveira

É interessante notar como, nas últimas décadas, o estudo das histórias de vida de professores, de suas narrativas, ou seja, das autobiografias, das escritas de si, ganharam contornos da maior importância no âmbito das pesquisas e das práticas educacionais. Cada vez mais, averigua-se o quanto, na pessoa, residem elementos importantíssimos que estão impregnados em sua identidade profissional, pois os nossos modos de ser impregnam nossas maneiras de praticarmos a docência. Não podemos deixar de considerar o contexto, o lugar, pois fomos marcados no construir de nossas trajetórias. Dessa maneira, o propósito deste artigo é tecer uma reflexão sobre um longo processo de atuação na formação de educadores no campo das artes visuais, que privilegia suas histórias de vida, as narrativas, a memória e objetos pessoais, no qual a presença do sujeito em seu processo formativo torna-se valiosa, e são essas marcas que vão constituindo seus processos identitários. Busco trazer elementos de vários âmbitos (disciplinas ministradas na graduação, cursos, estágios curriculares, iniciações científicas) de uma atuação docente que privilegia a *investigação de si* enquanto ponto de partida para a construção dos seus artefatos artísticos e educacionais. A seguir, apresentamos a imagem de um estudante que dispõe suas coleções de artefatos pessoais e, assim, acaba por constituir aquilo que tenho denominado como mesas biográficas, em um momento importante da escolha do tema para seu Trabalho de Conclusão de Curso. Essas materialidades dispostas sobre a mesa pelo estudante e a rememoração dos fatos ao falar sobre esses artefatos que sempre estiveram por ali, mas que, muitas vezes, passam despercebidos, vão ganhando relevo ao descreverem o que vem sendo sua experiência no mundo e vão indicando uma dimensão temporal, ou seja, a de que sua investigação começou bem antes de sua graduação, o que, às vezes, pode ser configurado como a pesquisa de uma vida. Nessa outra imagem, advinda de um trabalho de iniciação científica, podemos ver dois singelos desenhos de uma série de sessenta pequenas produções que uma estudante constrói ao rememorar sua infância, o trajeto que fazia da sua casa até a casa da sua avó, por onde colhia flores e fazia singelos "buquês" que ofertava a ela no momento do encontro. Essa rememoração fala de vínculos, de afeto, de laços que foram estabelecidos ainda na infância e que vêm perdurando por todo esse tempo, assim, embora seja ainda uma jovem estudante de graduação do curso de artes visuais, essas imagens representam uma vida inteira. Acredito que não perder a trilha das nossas histórias, as pistas que elas foram deixando nos lugares, nas coisas, nas pessoas, nas diversas situações vivenciadas, é de grande valia em uma formação em que a dimensão experienciada por cada estudante se torna parte dos conteúdos e, assim, transforma-se, naquilo que estou denominando como Metodologia da Presença, que contrasta enormemente com as metodologias que excluem o próprio sujeito dos seus processos de formação.

Formação de profissionais da escola básica em arte na pós-graduação em educação

Rosa Iavelberg

Uma portaria, datada de 14 de dezembro de 2022, possibilitou, ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE USP) abrir vagas para alunos especiais em suas disciplinas. Essas vagas são voltadas para duas categorias: 1) estudantes de mestrado e doutorado vinculados aos programas reconhecidos pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – órgão de regulamentação do governo federal – e, 2) profissionais (professores e gestores) da Educação Básica de qualquer rede pública do Brasil. Mencione-se ainda que existem inscrições reservadas aos mestrandos e doutorandos do próprio programa. O presente artigo tem como objetivo discutir o nível de integração dos alunos especiais (da categoria profissionais da escola pública), ao lado dos mestrandos e doutorandos, na disciplina “Arte na Educação”, por nós ministrada, no 1º semestre de 2024. Nesse sentido, torna-se examina-se ainda se a disciplina promoveu aprendizagens capazes de gerar transformações nas concepções e nas práticas escolares destes professores e gestores. Como exercício pedagógico, todos os alunos da disciplina assistiram a 10 aulas teóricas, realizaram oficinas de criação na linguagem do desenho e participaram de discussões sobre filmes e textos. Nossa análise partirá dos textos escritos, a respeito da experiência vivida pelos alunos especiais das escolas públicas ao final da disciplina. Vamos também usar trechos de textos de dois pós-graduandos que se referiram, em seus trabalhos finais, aos reflexos do convívio com os profissionais da escola pública, com o intuito de ilustrar os efeitos causados. O relatório da UNESCO, *Reimaginar futuros: um novo contrato social para a educação* (2022), fornecerá as bases para nossa investigação, assim como, os autores Charlot (2020), Freire (2022), hooks (2021), Sousa (2024), entre outros.

Conexões criativas na Casa Atelier Tullio Victorino: Explorando tradições e património artístico-cultura

Elaine de Almeida

Nesta comunicação, apresentamos uma síntese das investigações de tese de doutoramento sobre a vida e a obra de Tullio Victorino, os seus percursos criativos, o seu legado artístico-cultural e a Casa Atelier Tullio Victorino. Tullio Victorino (1896-1969), pintor naturalista português, nasceu em Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã. No decurso de sua produção artística, elaborou, exaustivamente, pinturas à óleo em suportes de madeira e em tela, com a utilização de pincel e espátula. Priorizou, em sua trajetória como pintor, representações das paisagens rurais e personagens da sua região de nascimento – com destaque para personagens e costumes locais. No entanto, sua obra não se restringe à pintura ruralista portuguesa, visto que, representou, com primor, paisagens urbanas, mercados, feiras, praias, cenas de género e retratos, onde, por vezes, a figura humana é apresentada minuciosamente, com seus pormenores e grande realismo. Cabe ressaltar que Tullio não se limitou às criações em pintura, pois realizou trabalhos em *design*, cenografia, figurino, ilustração, azulejaria, desenhos e aquarelas. A Casa Atelier Tullio Victorino (Figura 1), inaugurada em 18 de maio de 2024, foi mandada construir pelo seu pai e finalizada pelo próprio artista. Em 1941, após o falecimento de sua esposa, Tullio Victorino passou a viver, em definitivo, em Cernache do Bonjardim, e posteriormente, atribuiu, ao imóvel, a função de atelier e residência. Atualmente, a Casa Atelier Tullio Victorino abriga salas com recursos educativos interativos e de imersão, com destaque para a vida e a obra do artista. No salão principal (Figura 2), onde se localizava o atelier do artista, podemos apreciar alguns de seus objetos pessoais, mobiliário, documentos e algumas obras. Nos demais espaços – antiga residência do artista – encontramos salas destinadas ao Naturalismo português, à história local e algumas das personalidades da vila de Cernache do Bonjardim. Por se tratar de um espaço cultural instrutivo, dinâmico, interativo e imersivo, a Casa Atelier Tullio Victorino agrega aprendizagem, tradição e modernidade, com uma abordagem lúdica e criativa do ensino da arte, o que contribui para a valorização do património cultural.

Educación patrimonial basada en el azulejo

Olga Duarte Piña

En las I Jornadas Francisco de Holanda (2022) presenté el inicio de una línea de investigación para la formación de docentes centrada en el azulejo como objeto de conocimiento escolar. Dicha línea se inserta en los programas de las asignaturas de didáctica del Patrimonio Cultural del Grado en Educación Infantil y el Máster Universitario en Profesorado en Enseñanza Secundaria Obligatoria y Bachillerato Formación Profesional y Enseñanzas de Idiomas. A partir la investigación desarrollada se diseñó un proyecto formativo basado en el azulejo como centro de interés de los aprendizajes que ha derivado en experiencias de formación docente y en Trabajos de Fin de Estudios (TFE) cuyo objeto fue el diseño de propuestas educativas y su aplicación en varias escuelas e institutos de Sevilla. Los docentes en formación han diseñado y experimentado proyectos para estudiantes de Educación Infantil y Enseñanza Secundaria Obligatoria. El objetivo de este trabajo es presentar la línea de formación docente basada en una trama interdisciplinar de contenidos para abordar el aprendizaje escolar de los objetos cerámicos, desde una perspectiva simbólico-identitaria del patrimonio cultural en sus dimensiones tangible e intangible, con una metodología basada en la investigación del docente y la del alumnado, e incluyendo la presentación de algunos ejemplos de experiencias y los resultados obtenidos en las aulas de Infantil y Secundaria. El aprendizaje basado en el conocimiento del patrimonio cerámico ha evidenciado la potencialidad didáctica que ofrecen los azulejos tanto en la formación docente universitaria como en el ámbito escolar. El azulejo por su carácter concluyente, y cercano a la cotidianeidad y creatividad de los estudiantes, se relaciona significativamente con los contenidos curriculares y posibilita buenas prácticas de educación artística y patrimonial.

Arte, educação e património: Um projeto pioneiro na área dos monumentos com crianças dos 4 aos 12 anos

Olga Souto

Apresentamos um projeto pioneiro na área dos monumentos, que consiste no desenvolvimento do Ensino Artístico através de Ateliers de Pintura, Música, Poesia e Literatura, Dramaturgia e Encontros com História, dirigido a crianças dos 4 aos 12 anos, que desenvolvem o objetivo de aliar a Educação e a Arte à descoberta do nosso Património e da nossa História. Neste contexto, nasceu este projeto, em 2011, na região centro de Portugal, num monumento onde estão patentes as mais representativas manifestações artísticas do românico, do tardo gótico e do maneirismo em Portugal. Nos anos seguintes, progrediu para um monumento no coração de Lisboa e posteriormente para um outro, na região oeste de Portugal, ambos de estilo barroco. No ano letivo 2015-2016 foi implantado num monumento de expoente máximo da arquitetura gótica nacional, no distrito de Leiria, neste caso com residência artística numa Faculdade em Lisboa. O referido estabelecimento de ensino, enquanto instituição artística, reforçou a consciência cultural dos alunos e permitiu o desenvolvimento harmonioso das práticas culturais. A partir do ano letivo 2017-2018 foi implementado num outro monumento de estilo dominante neoclássico em Lisboa. O supracitado projeto pretende transmitir aos mais novos a noção de pertença, bem como consolida o conhecimento da Memória patrimonial, uma proposta que tem vindo a tomar vida em vários monumentos e que as crianças têm percorrido, contactando e conhecendo as estórias e a história de "velhas pedrinhas". Cenários ideais para receber e ajudar a formar cidadãos de pleno direito de amanhã, com maior responsabilidade, cooperação e solidariedade. Este plano resultou numa investigação contínua, que se centra no desenvolvimento da educação artística e patrimonial e pretende igualmente fomentar o conhecimento do património histórico-cultural e a sua enorme importância para a sociedade, promovendo formas de democratizar as práticas artísticas e culturais, do mesmo modo que evidencia os valores de inclusão, fundamentais para a igualdade. Um projeto que considera a melhoria e a inovação das práticas educativas, ampliando os lugares de aprendizagem, promovendo a inclusão da família na educação estética das crianças. Acreditamos que todos aqueles que estiveram envolvidos e participaram, vão passar a olhar de forma diferente para a nossa história e a cuidar melhor do nosso rico e bonito legado. Até agora, a referida proposta foi acolhida por diversas instituições governamentais, de ensino e culturais, tendo sido o foco de uma investigação anterior de mestrado e suscitado uma tese de doutoramento.

Entrecruzando memória e práticas artísticas: processo criativo e curadoria em contexto escolar

Teresa Matos Pereira, Joana Matos e Isabel Filipe

A comunicação apresenta o processo de trabalho e resultados de um projeto desenvolvido com uma turma de estudantes de licenciatura em Animação Sociocultural (LASC), assumindo a memória do 25 de abril de 1974 como ponto de partida. O projeto foi levado a cabo com uma turma na UC de Organização e Produção de Eventos, que integra o plano de estudos da licenciatura em Animação Sociocultural da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal durante o ano letivo 2023-2024. O desenvolvimento de atividade de iniciação à pesquisa baseada na prática artística e curatorial constituiu-se como um dos objetivos desta proposta de trabalho, integrada, por sua vez, no projeto de investigação *Time-lapse: Memória, Pós-Memória, Práticas Artísticas e Comunidade* (Refª: IPL/IDI&CA2023/TimeLapse_ESELx). Este projeto contou com uma equipa de investigação composta por docentes das Escolas Superiores de Educação de Lisboa e Setúbal bem como das Universidades de Castilla-La-Mancha (Facultad de Educación), Ovidius em Constanta (Roménia) e Bucareste (Belas Artes). A proposta de trabalho desenvolvida com estudantes da LASC seguiu uma metodologia de pesquisa baseada na prática em artes visuais e na prática curatorial estabelecendo uma ligação com a comunidade, considerando os cruzamentos entre História, Memória e Pós-Memória, a partir dos quais foram construídos os materiais e possibilidades de integração espacial. O projeto realizado assumiu como premissa essencial a possibilidade de fornecer aos/às estudantes de LASC, ferramentas metodológicas e conhecimentos técnicos que possibilitem desenvolver processos de intervenção artística a partir de recursos acessíveis, numa estreita ligação com grupos comunitários. Considerando as práticas artísticas e o discurso expositivo, como modalidades de mediação, que interligam educativa e comunicacional, foram desenvolvidas atividades de pesquisa que envolveram i) a recolha de testemunhos, ii) análise do conteúdo e seleção de excertos significativos, iii) criação de um discurso artístico-visual a partir do discurso verbal, iv) definição da integração no espaço arquitetónico, v) construção de materiais de divulgação e dinamização da exposição. O desenvolvimento do projeto revelou modalidades de participação, negociação, trabalho colaborativo, reflexão acerca de processos e resultados que evidenciam, claramente, a simbiose e proximidade com a metodologia de conceção e execução de atividades no âmbito da Animação Sociocultural que se foram entrecruzando com as questões da memória. Neste caso, a evocação da memória relativa a um acontecimento histórico (o qual o grupo não vivenciou diretamente), assumiu uma posição central em todo o processo criativo e materializou-se através da inscrição da palavra no espaço arquitectónico do exterior da Ala Sul da Escola Superior de Educação de Setúbal.

Da hegemonia à constituição da identidade: Culturas, narrativas e processos identitários

Adriana Rosely Magro e Geovanni Silva

Esta pesquisa discute os processos de sentido e de construção identitária presentes no Parque Cultural Casa do Governador em Vila Velha ES/BR a partir de dois cenários que coexistem no mesmo espaço, ainda que, espacialmente, em lugares diametralmente opostos. O objetivo é apresentar elementos da cultura hegemônica, instalados na visualidade cotidiana do Parque, os modos como tal visualidade impõe seu discurso e relacionar lógicas contra-hegemônicas (Hernández, 2007) de constituição de identidade quando o parque se abre a esculturas contemporâneas que habitam o campo ampliado da arte. O Parque, acima mencionado, abriga, até os dias atuais, a casa de praia do Governador do Estado do Espírito Santo, no entanto, em 2022 se iniciou uma abertura do espaço governamental para usufruto dos cidadãos em geral. As imagens que iremos abordar na comunicação, apresentam, respectivamente, a entrada oficial do Parque e o último acesso dele. A primeira colabora para a elaboração hegemônica dos modos de vida e das relações entre sujeitos e objeto, inserindo as pessoas num campo diminuto em relação às palmeiras, logo, aos discursos de dominação aos quais elas serviam. A condução do caminho pré-estabelecido indica por onde se deveria andar (Hernández, 2000). Reflexões estas que apontam para lógicas predominantes, portanto excludentes, ao considerarmos os contextos aos quais foram inseridas e, de algum modo, ainda persistem. Já a segunda é um objeto de arte denominado "Círculo Máximo" do artista brasileiro Geovanni Lima, que é apresentado como um múltiplo em 16 peças distintas, todas do mesmo tamanho, que fazem referência ao sistema de funcionamento de um catavento com alusão a rosa dos ventos, contendo somente a indicação da direção Sul, variando cor e o elemento presente no topo de cada escultura. A obra "Círculo Máximo" está instalada no acesso sul do Parque, em direção ao mar, e discute aspectos ligados às territorialidades, às ancestralidades e às memórias das populações negro-brasileiras. Ao convocar 16 imagens que simbolizam os orixás Exú; Yemanjá; Xangô; Oyá; Oxumaré; Oxum; Oxalá; Ossain; Omulú; Ogun; Odé; Obá; Nanã; Logun Edé; Ibejé e Ewá e as dispor no topo de cada uma das 16 peças, Lima complexifica as questões identitárias numa junção não linear de organização do tempo. Se as palmeiras na entrada norte diminuem o sujeito e os direcionam para o caminho oficial que devem trilhar neste espaço oficial, o trabalho "Círculo Máximo", situado à entrada sul, se faz valer de uma lógica outra: justapõe passado, presente e futuro e conclama a uma nova fabulação identitária (Martins, 2021), uma vez que tensiona a lógica hegemônica de dois mundos em disputa, na qual ao sul global está posto a subalternidade e a colonização e ao norte global a superioridade e dominação.

Walking in my shoes: estratégias de motivação, criatividade e descoberta em História da Cultura e das Artes

Ana Maymone e Maria Constança Vasconcelos

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, na disciplina de História da Cultura e das Artes (HCA), do 3º ano do Curso Profissional de Técnico de Audiovisuais, do Agrupamento de Escolas Rafael Bordalo Pinheiro, constatou-se que os alunos se sentiam desmotivados com um programa muito teórico, pouco estimulante e criativo, revelando comportamentos de tédio e inquietude. Face ao desafio sentido, foi propósito desta investigação-ação encontrar estratégias de motivação dos alunos para HCA e estímulo à sua criatividade, capacidade comunicativa, o “*wonder*” e prazer na descoberta da Cultura Visual (CV), sem comprometer a aquisição de saberes. Procurou-se demonstrar o impacto positivo que a HCA pode ter na vida dos futuros cidadãos, tornar os conteúdos mais apelativos e trazer um carácter prático e experiencial à disciplina. A partir do Esquema Metodológico Multi-Orbital estabeleceu-se um novo quadro teórico, onde o paradigma da comunicação e o trabalho de projeto - baseado em problemas reais do interesse dos alunos - impulsionaram as atividades, que partiram da Igualdade de Género na Arte para abordar os módulos 9 (A Cultura do Cinema) e 10 (A Cultura do Espaço Virtual), numa perspetiva histórica através de representações de artistas femininas, aplicando na prática as ideias subjacentes a cada uma delas. Desfizeram-se preconceitos, repensando o papel social da mulher, pela criação colaborativa e transdisciplinar de peças artísticas, estimuladas pela surpresa de um olhar renovado sobre a obra de arte e pelo próprio ato de criar, através da pedagogia *Wonder*, associada à CV. O projeto evoluiu para o Coletivo “*Walking in my Shoes*”, que produziu uma fanzine com o resumo dos conteúdos aprendidos, e as peças integraram o evento Caldas Late Night 26, fortalecendo a relação com a comunidade tanto escolar, como extra-muros, para a qual contribuiu a colaboração com o projeto Sala de Processos, da artista residente do Plano Nacional da Artes, bem como o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, e o Cineclube CR. Com empenho e criatividade, reconheceu-se a relevância das aprendizagens proporcionadas, valorizando a exploração prática de um tema do interesse dos alunos, a descoberta contextualizada e a deambulação livre sobre a CV em HCA.

Imagine se a dor fosse uma imagem: Quais seriam as suas dimensões?

Mariana Meireles

O trabalho apresenta ensaios analíticos advindos de uma pesquisa de pós-doutorado intitulada "*Visualidades da dor: um ensaio sobre condições de trabalho e mal-estar docente no Ensino Superior*", vinculada ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Ao seu modo, a investigação se ocupa em cartografar condições de trabalho docente e suas relações com o mal-estar na profissão no contexto Brasil-Portugal, prescrutando dores experimentadas por docentes universitários. Ao propor a noção de "*visualidades da dor*", a pesquisa organiza-se em torno de um trabalho investigativo com narrativas, tangenciando não apenas o que pode ser visível no âmbito das condições de trabalho e mal-estar docente, mas também o que irrompe da invisibilidade do desassossego de suas dobras. Nesta empreitada epistêmico-metodológica trabalhamos com a perspectiva de que as imagens desencadeadas no gesto narrativo se configuram como "testemunhos de uma imaginação que raciocina" (Bachelard, 1996, p.139). Nesse ínterim, a visualidade constitui-se como um modo pungente de enunciar a dor, acionando a fotografia como uma mensagem estética e autorreferente. Ao ancorar-se nos pressupostos do paradigma do sensível (Bois; Austry, 2008), a investigação movimenta a palavra sentida e narrada para o campo das visualidades. Os dados depurados através de questionários, entrevistas e acervos imagéticos, revelam que os 213 docentes participantes da pesquisa tomam a si mesmo como objeto de reflexão, operando com um fenômeno figurativo de perspectiva hermenêutica, a partir de um trabalho de reflexividade biográfica que expande nuances da profissão no próprio corpo. Essa tomada do corpo, ao projetar uma imagem de si (adoecida), instaura um hiato delicado e um tanto desconfortável que atesta a inseparabilidade da humanidade do corpo da tarefa laboral de ensinar e produzir ciência. Projetada esteticamente enquanto fenômeno encarnado, a dor desponta como possibilidade de ver e de ser vista, nos obrigando a demorar o olhar, ou como diria, Didi-Huberman (1998), olhá-la verdadeiramente. Neste ponto, concordamos que a experiência visual, desloca o campo das visualidades para uma virada paradigmática e interrogativa, ampliando assim, a noção da imagem e das formas analíticas de ver (Paulo Knauss, 2006). O olhar é tomado como pensamento, como um gesto perspicaz de questionar e sentir a realidade. Em notas conclusivas, é possível inferir que a trama episteme-sensível desta investigação tem produzido um acervo silencioso e um tanto agudo onde é possível, no seu limite e na sua vastidão, imaginar e projetar dores experimentadas por docentes universitários, levando em consideração o quadro de mal-estar apresentado.

Referências

- BACHELARD, G. (1996). *A poética do espaço*. Martins Fontes.
- BOIS, D. & AUSTRY, D. (2008). A emergência do paradigma do sensível. *Revista @mbienteeducação*.
- DIDI-HUBERMAN, G. (1998). O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves. Ed. 34.
- KNAUSS, P. (2006). O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, 8(12).

Conversas a respeito das imagens das salas de aula: Visualidades na/da escola

Taís de Moura e Ana Valéria de Figueiredo

Como tentativa de dar corpo/visibilidade para muitas inquietações que nos atravessam no que diz respeito às visualidades das salas de aula, propõe-se o desenvolvimento desta pesquisa de pós-doutoramento em Artes, que tem por objetivo investigar imagens de/das salas de aula, mais precisamente de turmas de alfabetização e letramento, interrogando a respeito do modo que essas visualidades constroem modelos de compreender o que é a escola. Dessa maneira, como tentativa de dar corpo/visibilidade para muitas inquietações que nos atravessam no que diz respeito às visualidades das salas de aula, propõe-se o desenvolvimento desta pesquisa de pós-doutoramento em Artes, que tem por objetivo investigar imagens de/das salas de aula, mais precisamente de turmas de alfabetização e letramento, interrogando a respeito do modo que essas visualidades constroem modelos de compreender o que é a escola. Trazemos como questões de pesquisa: Como se constituem a organização e a estética de uma sala de aula, dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Que visualidades estão em jogo nessas salas de aula, considerando o que elas carregam de concepções e práticas de leitura e escrita? O que contam as paredes das salas de aula de alfabetização de crianças? Nesse ínterim, argumentamos que muitas vezes a visualidade da sala de aula é tão marcante que em vários contextos estabiliza e rejeita outros modos possíveis de conceber o ambiente escolar, bem como sua decoração em relação às propostas pedagógicas que envolvem processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Em síntese, essas são algumas inquietudes que partem do olhar sensível e investigativo de professoras-pesquisadoras que se interessam por pensar as Visualidades em Espaços de Arte e Educação. Em relação às visualidades, ressaltamos que muito longe de serem “neutras”, as imagens referentes aos espaços escolares, bem como as imagens presentes neles induzem a um modo possível de compreensão sobre o que é a escola, assim como marcam quais elementos a compõem, como se dá sua organização e estética. Todavia, contrapondo-nos às imagens prontas e estereotipadas que povoam as salas de aula, justifica-se a relevância desta pesquisa por mobilizar novas-outras reflexões sobre as imagens nas/das escolas, em especial, das salas de alfabetização e letramento com a intencionalidade de que tanto professores(as), crianças, entre outras pessoas que se interessam por arte-educação, reinventem seus modos de ver, sentir, imaginar e viver esses espaços.